

A OPINIÃO PÚBLICA (1966) de Arnaldo Jabor

Primeiro longa-metragem dirigido por Arnaldo Jabor, *A opinião pública*, de 1966, é um documentário que emprega técnicas do cinema-verdade. O filme pretende realizar uma crítica social da classe média carioca a partir de depoimentos frente a uma câmera que a observa e interage constantemente.

Jabor e sua câmera, Dib Lutfi, passaram um ano nas ruas do Rio de Janeiro, convivendo com as pessoas nas boates, nos bares, nas praias, ligando a câmera e pacientemente buscando naturalidade e momentos de espontaneidade naquele convívio. O próprio diretor afirmou que “às vezes, era preciso ficar dias seguidos diante de um objetivo. Passei quatro dias na casa de uma família de Copacabana, com as câmeras armadas e o gravador ligado (...) de repente, ele começava a falar, sem que você espere, e a revelar coisas absolutamente incríveis.”¹

O filme se inicia com a seguinte frase na voz do locutor: “Tudo que verão aqui é típico. Fugimos do exótico e do excepcional e procuramos as situações, os rostos, as vozes, os gestos habituais. Isto porque refletidas numa tela, as coisas que parecem comuns e eternas se revelam estranhas e imperfeitas”. A partir deste enunciado, Jabor passa a filmar as tais situações e interações de diferentes cidadãos pertencentes à chamada classe média brasileira. A câmera observa impassível as situações. As pessoas conversam sobre política, sobre a vida, sobre amores que tiveram, e o narrador questiona, problematiza e guia o ponto de vista que o filme toma a partir daquelas personagens.

Não somente uma análise e experimento sociológico daquelas interações, *A opinião pública* é um filme político. Como defende o locutor ao longo do filme, “a classe média só está preocupada com os problemas dela, é uma classe que não tem passado nem futuro, é sempre propriedade de alguém, é dona de uma juventude acomodada e conformada com um futuro correto em uma mentalidade pouco inventiva, criativa e progressista, está por dentro da cultura pop e gasta seus domingos indo à praia”, ou seja, enquanto o país despenca preso a uma ditadura militar imposta a partir de um golpe político e vê sua classe trabalhadora marginalizada e miserável, os jovens da classe média estão mais preocupados com suas questões amorosas, com sua estabilidade no futuro, com sua imagem perante a família e com seus lazeres.

¹ Departamento de pesquisa. *Cinema verdade, a arte de quem não quer mentir*. Jornal do Brasil. 26 de Maio de 1967.

A classe média aqui é exposta a partir de um olhar inconformado, de quem foi às ruas sabendo o que ia encontrar, e percebeu um conjunto de figuras vivendo aparentemente fora de sintonia com os acontecimentos políticos do país, em total alienação e, citando indiretamente mais uma vez o texto narrado, vivendo dentro de seu próprio universo, com medo, sem horizonte claro, proferindo opiniões divergentes e pouco significativas.

O filme, então, revela as “coisas estranhas que pareciam comuns” da frase já citada que inicia o filme. A partir de uma abordagem que pretende buscar o real, utilizando a câmera como ferramenta para essa procura, *A opinião pública* nos mostra a imperfeição nesse mundo “correto” da classe média, um mancha quase pitoresca que aos poucos toma conta do filme e se intensifica.

Jabor assume esse discurso e em seu percurso olha para aqueles personagens com certo estranhamento e discordância. Após uma sequência, por volta dos 15 minutos de filme, de cenas de mulheres falando sobre sonhos, paixões, contando histórias de namorados e de ciúmes, uma mulher de meia idade, extrovertida e efusiva, articula um discurso caloroso sobre paixão e amor para a câmera e também para outras duas garotas mais novas e mais tímidas como que as ensinando e compartilhando sua experiência de vida. O discurso é conservador – em certo momento ela reprova mulheres que saem com rapazes e os deixa beijá-las sem ao menos gostarem de verdade deles – e ela claramente acredita nele. A câmera permanece observando a cena, e o longo plano, aos poucos, acentua o caráter grotesco daquele discurso, oposto à ideologia de seu realizador. Essa mulher, aqui, serve de horizonte para a juventude filmada que demonstra ter valores conservadores semelhantes aos dela.

Há outro momento, anterior, nos primeiros 10 minutos de filme, em que, após rapazes falarem de suas famílias e de seus pais, um homem mais velho, um militar aposentado, discursa para um jovem, provavelmente seu filho, sobre a família, sobre o caráter herdado a partir do nome de sua família, sobre a importância do trabalho e dos estudos – um discurso padrão sobre “ser alguém na vida, ser digno, ser pai de família” exaltando o trabalho em benefício da pátria. Eles estão em um sofá em uma pequena sala de apartamento. Novamente a câmera é fixa e permanece observando a ação em um longo plano sem cortes e em profundidade de campo. Uma criança começa a se dirigir para a câmera, primeiramente rindo e fazendo caretas. Enquanto continuamos a ouvir o ‘sermão’, a câmera dirige sua atenção à criança. Mais confiante diante da objetiva, dança, pula, sorri e continua a fazer caretas, sendo alçada pela câmera a personagem

principal da cena. O senhor que fala, e que não tem consciência da mudança de foco operada pela câmera, continua seu discurso moralista em tom sério e em *off*. Assim sua fala é desautorizada, pois a câmera faz com que o espectador acompanhe a espontaneidade da criança ao invés do militar aposentado.

O filme também mostra a enorme diversidade da classe média. O amplo panorama traçado por Jabor expõe uma classe cujos representantes filmados vão de jovens em boa situação financeira frequentadores de boates e praias da zona sul carioca até funcionários de fábricas subordinados ao patrão. Tal heterogeneidade vai sendo aos poucos exposta no filme a partir da progressão dos retratos dos cidadãos. A segunda metade abrange uma quantidade maior de tipos e costumes. O fanatismo religioso e o misticismo surgem como uma possibilidade de caminho a ser tomado por essas pessoas que aparentam lucidez e clareza de discurso mas que no fundo parecem estar perdidas em suas próprias teorias. Ninguém é salvo: o discurso da mulher de meia idade citada acima é tão vazio e frágil quanto o discurso de um jovem ingressante no exército, assim como as falas dos participantes de rituais religiosos.

O contraste e a crítica emergem não somente a partir da presença constante do narrador, mas também, em sua parte final, de imagens de trabalhadores pobres e camponeses excluídos do processo político, que ganham voz no filme e fazem o contraponto àqueles mostrados até então como “preocupados apenas com sua própria insegurança esquecendo que estão em um país assolado pela fome e pela miséria”. Imagens do filme *Maioria absoluta*, 1964, de Leon Hirszman, foram inseridas por Jabor em *A opinião pública* justamente no momento em que a contradição entre classe média e miseráveis é trazida ao longa nos minutos finais.²

Ao final, após uma sequência em que alguns homens opinam sobre a moralidade, sobre os erros do governo atual e sobre os caminhos a serem tomados (discutindo a agricultura, a indústria, os salários) o locutor encerra dizendo “a história da classe média é uma história sem fatos. Seus interesses comuns nunca levam à unidade. Seu futuro nunca é escolhido por ela”³. O filme termina com a constatação das imagens mostradas: a de que a classe média é grande, diversa, insegura e alienada, sendo um dos pontos em comum entre seus membros a falta de clareza nas opiniões e o comodismo não-transgressor.

² Além das cenas de trabalhadores e do discurso de um camponês a respeito da falta de comida, também é emprestada do filme de Hirszman a imagem aérea de Brasília.

³ O narrador nos dá a fonte da frase antes de citá-la: sociólogo americano Wright Mills.

O filme foi lançado nos cinemas e foi objeto de intensa discussão da crítica. O *Jornal do Brasil* dedicou duas páginas em maio de 1967 para discuti-lo. Com o título de “O filme em questão: A opinião pública”, o dossiê contava com diversos textos de autores como Alex Viany, Sérgio Augusto e Maurício Gomes Leite. Os artigos, embora em sua maioria elogiosos ao filme, se dividiam e suscitavam discussão em torno da obra. Enquanto Alex Viany ressaltava que “Arnaldo Jabor nunca se esqueceu da sua condição de cineasta: o filme tem tantos momentos de bom cinema – por cima e para além da reportagem, do documentário – que desde já fico a esperar com ansiedade o primeiro trabalho de Jabor no cinema de ficção”, Sérgio Augusto reconsiderava sua posição a partir de uma revisão do longa mas afirmava que “*A opinião pública* é um filme para ser visto, revisto e discutido.”⁴

No mesmo mês de maio, no *Jornal do Brasil*, o crítico Ely Azeredo dedicou dois textos ressaltando e alertando o público para o caráter arbitrário das escolhas do diretor a partir das possibilidades de material que provavelmente tinha em mãos.⁵

Arnaldo Jabor ganhou menção honrosa na Semana do Cinema Brasileiro, em 1966, em Brasília. *A opinião pública*, em 1967, venceu o Grande prêmio do Festival de Pesaro na Itália, o prêmio da crítica no festival de cinema de Teresópolis, e o fotógrafo Dib Lutfi e o técnico de som José Antônio Ventura foram premiados no festival de cinema de Juiz de Fora.⁶

Rafael Dornellas⁷

⁴SHATOVSKY, Alberto. VIANY, Alex. AVELAR, José Carlos. GOMES LEITE, Maurício. AUGUSTO, Sérgio. *Recepção crítica*. *Jornal do Brasil*. 30 de Maio de 1967.

⁵ AZEREDO, Ely. *A verdade manipulada pelo cinema-verdade*. *Jornal do Brasil*. 26 de Maio de 1967. *Pseudomundo da opinião*. *Jornal do Brasil*. 31 de Maio de 1967.

⁶ Site da Cinemateca brasileira: <http://www.cinemateca.gov.br> acessado em 06/07/2015.

⁷ Bolsista de Iniciação Científica CNPq, orientado pelo prof. dr. Eduardo Victorio Morettin, dentro do projeto Cinema e história no Brasil: estratégias discursivas do documentário na construção de uma memória sobre o regime militar (Edital Universal 14/2013 - Faixa B - até R\$ 60.000,00, processo número 485808/2013-7).

FONTES DE PESQUISA:

AVELAR, José Carlos. *No ritmo exato da comunicação*. As raízes de Opinião Pública – depoimento de Jabor sobre o filme. Cineclube Macunaíma.

AZEREDO, Ely. *A verdade manipulada pelo cinema-verdade*. Jornal do Brasil. 26 de Maio de 1967.

AZEREDO, Ely. *Pseudomundo da opinião*. Jornal do Brasil. 31 de Maio de 1967.

CÁRDENAS, Frederico de. MONTEIRO, Ronald. *Entrevista com Arnaldo Jabor*. 1967 e 1970. P. 91 a 106. In: Mostra Internazionale del nuovo cinema. 11, 1975, Pesaro. Il cinema novo brasiliano. Pesaro, 1975. 189 p.

Departamento de pesquisa. *Cinema verdade, a arte de quem não quer mentir*. Jornal do Brasil. 26 de Maio de 1967.

GOMES LEITE, Maurício. *Ela não pensa mas existe*. Crítica. Cineclube Macunaíma.

GOIDA. *Nas primeiras fileiras*. Apresentação Tuio Becker e Luiz César Cozzatti. Porto Alegre: Unidade Editorial, 1998. 350 p. il. (Escritos de cinema, 3). Incl. Índice de filmes. Textos originalmente escritos para o jornal Zero Hora em 9 de Agosto de 1967.

M. A. *Jabor adere à ficção*. 31 de Janeiro de 1968.

MORAES, Tati. Cine crítica. Opinião. Ver e ouvir. Última Hora. Rio de Janeiro. 25 de Maio de 1967. Caderno 2. p. 3.

SHATOVSKY, Alberto. *Um ato de acusação*. Crítica. Cineclube Macunaíma.

SHATOVSKY, Alberto. VIANY, Alex. AVELAR, José Carlos. GOMES LEITE, Maurício. AUGUSTO, Sérgio. *Recepção crítica*. Jornal do Brasil. 30 de Maio de 1967.

SHATOVSKY, Alberto. *Um corte vertical na classe média*. Jornal do Brasil. 27 de Janeiro de 1968.

Site: <http://www.cinemateca.gov.br>